

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Ana Júlia Soares

**A INFLUÊNCIA DA LEITURA DE LEITE NA CONSTRUÇÃO
DE UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR**

TAUBATÉ

2023

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Ana Júlia Soares

**A INFLUÊNCIA DA LEITURA DELEITE NA CONSTRUÇÃO
DE UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Trabalho de graduação submetido ao curso de
Pedagogia da Universidade de Taubaté para
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.
Área de concentração: Educação
Orientadora: Prof.^a Ma. Cássia Elisa Lopes
Capostagno

Taubaté

2023

Ficha catalográfica para trabalhos acadêmicos elaborado pela
secretaria

Ana Júlia Soares

**A influência da leitura deleite na construção de um caminho para
a formação do leitor**

Banca examinadora

[Empty dotted box for the first examiner's name]

Prof.^a Ma Cássia Elisa Lopes Capostagno

[Empty dotted box for the second examiner's name]

Prof.^a Dra. Cleusa Vieira da Costa

[Empty dotted box for the third examiner's name]

Prof.^a Dra. Maria do Carmo Souza de Almeida

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus por ter me dado forças para superar todos os obstáculos encontrados no caminho.

Ao meu namorado Leonardo, à minha família e as minhas amigas do curso que me auxiliaram nesse processo, me dando o apoio necessário e me motivando sempre a seguir em frente.

À minha orientadora Prof.^a Ma Cássia Elisa Lopes Capostagno pela orientação, apoio e auxílio.

À Prof.^a Dra. Cleusa Vieira da Costa pelo suporte e dedicação durante as aulas e a todos os meus professores do curso que me acompanharam e me incentivaram nesses anos.

Declaro aqui minha eterna gratidão a todos aqueles que participaram de forma direta ou indireta e, que contribuíram de alguma forma com a minha formação.

“Ler para que se abra a mente, para alargar os já infinitos limites do cérebro, para saber mais e melhor. E, mais humildemente, para sermos pessoas melhores. Porque é na leitura que está à docência profunda da vida”.

(Giardinelli, 2010)

RESUMO

A prática da leitura literária é fundamental para a formação e o desenvolvimento do indivíduo pois estimula o raciocínio, melhora o vocabulário e amplia seu conhecimento sobre diversos assuntos, além de permitir que ele desenvolva a sua imaginação, a criatividade e o senso crítico. Entretanto, é notório que essa prática vem sendo utilizada em sala de aula, muitas vezes tão somente, como meio para desenvolver propostas de atividades que contemplem a escrita (aprender regras gramaticais tradicionais) e o desenvolvimento de bons hábitos (de comportamento, de higiene etc.). Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo identificar a partir da trajetória literária como a leitura vem sendo trabalhada atualmente no Brasil e, a partir disso, como a leitura deleite pode se constituir como um caminho para a formação do leitor. Para isso foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: investigar a trajetória literária brasileira; explicar o conceito de leitura deleite e leitura literária de forma a refletir sobre como ela vem sendo desenvolvida atualmente, evidenciando os aspectos que fazem com que a leitura deleite não seja uma prática recorrente; investigar possíveis práticas de leitura que podem ser utilizadas dentro e fora do ambiente institucional e que contribuem com a expansão da leitura deleite e, conseqüentemente, com a formação do leitor. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, oportunizando a consulta a várias fontes de informação (livros, artigos, periódicos e documentos oficiais), que possibilitaram a análise dos dados sobre a trajetória da leitura literária em nosso país, com ênfase na modalidade leitura deleite. Ademais, a pesquisa abrange práticas e estratégias para o trabalho com a leitura que contribuem para despertar a atenção, a curiosidade e o gosto do leitor em formação. Resultados da pesquisa revelam que a formação do leitor ainda encontra diversos desafios, dentre eles a superação do uso da literatura somente como meio para a aprendizagem de conteúdos escolares. Espera-se assim que a pesquisa realizada possa contribuir com ensino da literatura na escola reconhecendo como as práticas de leitura literária e da leitura deleite podem influenciar na formação do leitor.

Palavras-chave: Leitura literária. Leitura deleite. Formação do leitor.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Leitor x Não leitor (2019).....	25
Figura 2 - Atividades relacionadas à leitura que realiza na internet (%).....	29
Figura 3 - Quem mais influenciou o gosto pela leitura por perfil Leitor X Não leitor (%)	33
Figura 4 - Frequência em bibliotecas	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: LITERATURA INFANTIL	14
1.1 A Trajetória da literatura no Brasil	17
CAPÍTULO 2: LEITURA DELEITE	24
2.1: Quem é o leitor na atualidade?	26
2.2: O lugar ocupado pela literatura nas escolas	28
CAPÍTULO 3: AS PRÁTICAS DE LEITURA.....	35
3.1: Como escolher uma boa obra literária para crianças?	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

A leitura literária é uma atividade fundamental para a formação do indivíduo, não apenas no âmbito acadêmico, mas também na construção de uma identidade pessoal e na ampliação de conhecimentos sobre o mundo. Através dela, é possível desenvolver habilidades fundamentais para a sua formação, como o senso crítico e a comunicação. Ademais, a leitura como fonte de prazer tem o potencial de enriquecer o vocabulário e o repertório, contribuindo para a formação intelectual e cultural do indivíduo.

Apesar de sua importância, a leitura literária no contexto educacional brasileiro ainda enfrenta desafios significativos. No passado, a leitura era restrita a uma elite e ao clero, o que limitou o acesso dos demais cidadãos não pertencentes a essas classes à prática leitora. Somente no final do século XIX é que a criança passou a ser considerada como uma leitora em potencial, haja vista a preocupação com traduções e adaptações de obras estrangeiras para o público infantil.

Monteiro Lobato, o precursor da literatura infantil no Brasil, publica em 1920 o livro “A menina do narizinho arrebitado”, trazendo o lúdico para a literatura, acreditando assim no potencial da criança leitora. A partir desse marco, muitos livros foram criados, de diversas maneiras, abrangendo diversos materiais e estilos, sempre respeitando a faixa etária de cada criança. Essas obras podem ser encontradas em formatos físicos ou digitais, acessíveis por meio de bibliotecas tradicionais ou virtuais, possibilitando uma maior disseminação da leitura literária entre o público infantil e juvenil.

Entretanto, mesmo com a disponibilidade de um grande acervo de livros acessíveis de diversas maneiras na escola, ainda prevalece, muitas vezes, o cenário de leituras rápidas ao final ou início das aulas, e, em muitos casos, o uso desse material fica restrito apenas ao ensino da gramática e escrita, além de ser um meio para ensinar hábitos de bom comportamento e higiene.

No contexto brasileiro, a leitura deleite ainda é uma prática pouco recorrente. Isso se deve em parte à didatização da leitura literária em sala de aula, utilizada como uma ferramenta para o ensino da leitura e escrita e o desenvolvimento de bons hábitos; bem como a falta de formação continuada dos profissionais da educação, que muitas vezes, não veem o trabalho com a literatura como uma prática importante. Esse tipo de abordagem acaba afastando o leitor do prazer da leitura, tornando-a apenas um recurso para ensinar os conteúdos escolares.

Além disso, a trajetória da leitura literária no Brasil também foi relevante para compreender os motivos pelos quais a leitura deleite ainda não é uma prática comum a todos os brasileiros, bem como a estrutura social e as desigualdades presentes no país. Abreu (2001, p.157) as destaca quando cita que “um desempregado, um faminto, não pode se interessar pela ‘viagem’ proporcionada pelos livros, pelo conhecimento de si e do mundo proporcionado pela alta literatura. É preciso que as pessoas tenham condições materiais para serem leitoras”.

Desde a colonização, a leitura foi vista como um privilégio de poucos. Nesse sentido, é indiscutível compreender que a promoção do hábito de ler não pode ser separada das condições socioeconômicas mais amplas de uma comunidade, o que acaba por dificultar ainda mais o acesso aos livros e a formação de uma cultura de leitores no país.

Para formar bons leitores e incentivar a prática da leitura deleite, é necessário superar os desafios que impedem a formação de um leitor. É preciso mudar a abordagem da leitura literária em sala de aula, tornando-a uma prática prazerosa e valorizando a diversidade cultural e literária do país. Além disso, é importante permitir que o leitor tenha acesso a diferentes formas de linguagem e expressão, abordando também as estratégias de leitura como forma de auxiliar os alunos na aquisição leitora.

É possível incentivar a prática da leitura deleite em sala de aula, por meio de estratégias que estimulem a imaginação e a criatividade dos alunos. Essas práticas permitirão que eles tenham contato com diferentes gêneros e autores, incentivando-os a desenvolver o seu próprio gosto literário e a se tornarem leitores críticos e autônomos.

Assim, a pesquisa se faz relevante ao buscar destacar não apenas a abordagem atual da leitura, mas também ao sugerir formas de ressaltar a importância da leitura prazerosa e de práticas eficazes para enriquecer a formação do leitor, visto que a leitura deleite é essencial na formação do indivíduo, tanto do ponto de vista pessoal como profissional, pois é capaz de ampliar horizontes, formar opiniões e proporcionar experiências únicas, contribuindo para a formação de uma sociedade mais crítica, criativa e engajada.

A pesquisa surge então, a partir das observações realizadas em sala de aula, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I por meio do Estágio Curricular Supervisionado. As aulas de Conteúdos e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa também contribuíram com reflexões acerca da temática, confirmando a importância da leitura deleite na vida dos indivíduos.

Desse modo, considerando o histórico traçado e as práticas observadas é que foi levantado o problema de pesquisa expresso na seguinte pergunta: como a leitura deleite pode se tornar um caminho para a formação de leitores?

Nossa hipótese, ou seja, uma resposta provisória à pergunta de pesquisa posta é: as práticas de leitura deleite quando bem elaboradas e trabalhadas em sala de aula, permitem fomentar no leitor o gosto pela leitura, incentivando-o cada vez mais a construir sua preferência literária e a se desenvolver como leitor.

Para isso, o objetivo geral da pesquisa é identificar, a partir da trajetória literária, como a leitura vem sendo trabalhada no Brasil e, a partir disso, como a leitura deleite pode se constituir como um caminho para a formação do leitor.

Assim, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: investigar a trajetória literária brasileira; explicar o conceito de leitura deleite e leitura literária de forma a refletir sobre como ela vem sendo desenvolvida atualmente, evidenciando os aspectos que fazem com que a leitura deleite não seja uma prática recorrente; investigar possíveis práticas de leitura que podem ser utilizadas dentro e fora do ambiente institucional e que contribuem com a expansão da leitura deleite e, conseqüentemente, com a formação do leitor.

O procedimento metodológico utilizado para analisar como a leitura deleite pode contribuir com a formação do leitor será a pesquisa bibliográfica. Dessa forma, primeiramente, se buscou compreender qual foi a trajetória da leitura literária no Brasil, posteriormente o desenvolvimento da leitura literária atualmente em sala de aula, e, por fim, os conceitos e práticas que envolvem a leitura deleite.

Foi elaborada uma pesquisa de cunho qualitativo, realizada através da coleta dos dados obtidos por meio do Google Acadêmico, da base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), EDUBASE (Unicamp) e de uma bibliografia que contempla diversos autores e também os dados da pesquisa intitulada *Retratos da Leitura no Brasil*, considerando os gráficos para ilustrar as discussões sobre o tema.

O primeiro capítulo trará uma revisão bibliográfica sobre as principais teorias acerca do assunto e da trajetória literária no Brasil. O segundo capítulo será destinado a compreender o que é a leitura deleite e que lugar ela ocupa nas escolas, além de buscar compreender quem é o leitor na atualidade. Posteriormente, o terceiro e último capítulo contará com diversas práticas e

estratégias que podem ser utilizadas na formação do leitor, além de procurar entender quais livros devem ser destinados as crianças.

Espera-se assim, que a pesquisa, por meio do histórico traçado, dos conteúdos abordados e das práticas sugeridas, possa contribuir com a formação do leitor e com as práticas docentes, visando uma educação de qualidade e a ampliação de leitores proficientes, conscientes e críticos no país.

CAPÍTULO 1: LITERATURA INFANTIL

“Nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite.”

(Coelho, 2000)

O conceito de leitura pode ser definido de diversas formas: como forma de expressão artística, permite que o leitor tenha contato com diversas situações, possibilitando que desenvolva sua imaginação, a criatividade, seu repertório e o seu vocabulário. Como forma de desenvolvimento pessoal, possibilita ainda que o leitor exercite sua reflexão e desenvolva sua análise crítica.

O dicionário Aurélio define a palavra leitura como “1. Ato, arte ou hábito de ler; 2. Aquilo que se lê; 3. Operação de percorrer, em um meio físico, marcas codificadas (as informações registradas), e fazê-las voltar à forma anterior (como imagens, sons, dados para processamento)” (Aurélio, 2010, p.462).

A leitura geralmente está atrelada a decodificação da escrita. Entretanto, vai além desse processo. Não basta somente decifrar sinais e signos, é necessário realizar ainda a interpretação e a compreensão do que se lê. Segundo Cosson (2014, p.36), “a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto”.

Freire (2020) expõe em seu livro *Pedagogia do Oprimido* que a educação, assim como a leitura, é um ato político que transforma e liberta, no qual o educando possui papel ativo na construção do conhecimento e na transformação da sociedade. A leitura é ainda, um vasto caminho de possibilidades para essa libertação.

Para Giardinelli (2010, p. 195), “somente a leitura, a imaginação, o estudo, o esforço, a tenacidade investigativa, o desafio constante do conhecimento nos abre os olhos para o bem pensar e então, peculiares e sinceros, abandonarmos a escuridão da ignorância”.

Desse modo, a leitura está fortemente conectada com a interpretação, a subjetividade e a liberdade de expressão. Possibilitando que o indivíduo mergulhe em diversas experiências, desenvolvendo suas habilidades emocionais, cognitivas, sociais e culturais.

A leitura literária por sua vez, é uma das formas mais fascinantes de se ter acesso a novas ideias, mundos e culturas, e poder ter diferentes interpretações.

Para Souza (2003, *apud* Santos; Moraes, 2013), o termo literatura pode ter diversas interpretações, incluindo a produção escrita com características específicas, obras de um determinado país ou período, a bibliografia de um campo de estudo, ou até mesmo uma expressão ficcional, irreal ou frívola, além de ser uma disciplina que estuda de maneira organizada as produções literárias.

Sendo assim, a palavra "literatura" pode ter diferentes conotações e significados, dependendo do contexto em que é empregada. É importante compreender desse modo as diferentes acepções da palavra para evitar equívocos.

Cosson (2019, p.25 *apud* Veloso e Paiva, 2021, p.12) define como leitura literária “o exercício da liberdade que nos torna humanos. É por essa força libertária que a literatura sempre participou das comunidades humanas”.

Ao ler uma obra literária, somos transportados para universos imaginários, conhecemos personagens complexos, e somos desafiados a refletir sobre questões humanas universais. A literatura é um espelho da sociedade, refletindo os valores, crenças e anseios de uma época. Além do mais, é fundamental para o desenvolvimento humano.

Cosson (2014, p.50) complementa ressaltando que: “a leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade”.

Nesse sentido, a leitura literária desempenha um papel fundamental na formação de indivíduos conscientes e críticos. Ela nos convida a questionar o *status quo* (estado atual das coisas), a refletir sobre os desafios da sociedade e a buscar soluções inovadoras. Ela estimula nossa capacidade de reflexão crítica, nos ajuda a compreender melhor a nós mesmos e aos outros, e nos auxilia a construir uma visão de mundo mais ampla e plural.

Ademais, a leitura literária é frequentemente associada à apreciação da escrita, à exploração de ideias e à imersão em mundos fictícios ou na experiência humana retratada na literatura. Para Terra (2014) essa leitura deve acontecer de forma livre para que se atinja desse modo a fruição. Por meio dela, podemos explorar diferentes culturas e épocas, permitindo-nos vivenciar a diversidade do mundo, além de explorar as nuances da história de diferentes povos,

compreender suas tradições e visões de mundo. Isso, por sua vez, auxilia a cultivar a tolerância e o respeito à diversidade.

Nesse contexto, a literatura infantil se destaca como uma ferramenta para que a criança explore o mundo ao seu redor e se desenvolva plenamente como indivíduo. De acordo com a Infopédia: “a literatura infantil se caracteriza por ser um termo que designa uma literatura criada especificamente para as crianças”.

Para Coelho (2000) a literatura infantil deve ser encarada não somente como uma forma de distração ou puro entretenimento, mas sim vista como uma forma de se obter uma experiência profunda, rica e repleta de conhecimento e intensidade emocional.

Os livros infantis costumam abordar nesse sentido temas que fazem parte do universo das crianças, como amizade, família, escola, aventuras, fantasia, entre outros. Esses temas são trabalhados de forma lúdica, com ilustrações coloridas e atraentes, para que as crianças se interessem e se identifiquem com as histórias. Coelho (2000) complementa ressaltando que:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...] (Coelho, 2000, p.27).

Mendes e Velosa (2016) acrescentam que os livros de qualidade estética e literária são extremamente importantes para estimular a compreensão leitora e promover aprendizagens de forma significativa. A criança tem a possibilidade de sentir, se emocionar e imaginar; de construir a narrativa para si e para o outro e, com isso, espelhar o aprendizado em seu próprio mundo.

O contato com a literatura para a infância permite assim não só criar o prazer estético e lúdico, o desenvolvimento da imaginação e da sensibilidade, como também captar sentidos implicados nos textos (e nas imagens) de forma a desenvolver a compreensão leitora (Mendes; Velosa, 2016, p. 11).

Ademais, a literatura infantil é ainda considerada uma ferramenta importante para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, emocionais e sociais das crianças, pois estimula a criatividade, a imaginação, a empatia, a o desenvolvimento linguagem, e auxilia no processo da alfabetização e na construção de valores éticos e morais.

Santos e Moraes (2003), baseados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) complementam apontando que a literatura não é uma cópia do real, nem puro exercício de linguagem ou mera fantasia, pois o plano imaginário vai além da realidade, ou seja, a literatura não se limita ao concreto, mas tem o poder de criar um plano imaginário, um espaço onde a

imaginação do autor e do leitor podem se encontrar, explorando ideias, emoções e experiências que ultrapassam a realidade.

A literatura infantil é mais do que apenas histórias simples para crianças; é uma forma de arte que utiliza a palavra escrita para representar o mundo, a experiência humana e a vida de uma maneira que seja acessível e significativa.

Permite que as crianças e jovens entrem no mundo ficcional e façam comparações com a realidade em que vivem, além de aprenderem a lidar com as emoções e com conflitos, proporcionando assim seu desenvolvimento integral, sua maturidade e sua capacidade de relacionamento afetivo e social.

1.1 A trajetória literária no Brasil

No Brasil do século XVIII, a leitura era algo restrito a uma pequena elite, composta principalmente por religiosos e membros da nobreza. A maioria da população era analfabeta, e havia poucas escolas ou instituições de ensino destinadas a educação básica. A produção literária era muito limitada, e a maior parte do material disponível era importado de Portugal. A leitura era dessa forma, vista como uma atividade de lazer para a elite e, muitas vezes, era realizada em grupos sociais restritos como as academias literárias.

A censura era uma prática comum na época, e muitos livros eram proibidos pela Igreja ou pelo governo português. Ainda assim, a leitura era uma atividade valorizada e considerada importante para o desenvolvimento intelectual e moral da elite brasileira.

De acordo com Chartier (1945, p.78) “a história das práticas de leitura, a partir do século XVIII, é também uma história da liberdade na leitura”, pois a partir do momento em que a leitura é representada pela fotografia e pelo cinema se vê a liberdade do leitor de se movimentar e ter comportamentos livres e variados, já que na maior parte das representações em períodos anteriores, o leitor, durante muito tempo, permaneceu sentado.

O final do século XIX foi marcado por uma grande transformação social, política e econômica. A burguesia começou a consolidar seu poder o que demandou mudanças sociais. A classe trabalhadora, por sua vez, iniciou uma luta por melhores condições de vida e trabalho, dando início a um período de intensa mobilização social e política.

Nesse contexto, houve um aumento significativo do interesse pela leitura entre as famílias elitistas, uma vez que essa atividade era vista como adequada ao conceito de vida doméstica. Além disso, grupos religiosos também se interessaram pela leitura, uma vez que ela possibilitava a difusão e o conhecimento da Bíblia. Entretanto, vale ressaltar que, na época, ainda não existiam livros específicos para crianças.

Segundo Zilberman (2014), as soluções propostas para essa falta de material incluíam: traduzir obras estrangeiras, adaptar obras originalmente destinadas a adultos para os pequenos leitores, reciclar material escolar e invocar a tradição popular. Acreditava-se que as crianças gostariam de encontrar em livros histórias semelhantes às que mães, amas de leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta desde a infância.

Carl Jansen, um dos precursores da literatura infantil no Brasil, foi responsável por traduzir alguns clássicos, como: *As viagens de Gulliver* (1888), *Robinson Crusóé* (1885) e *Dom Quixote de La Mancha* (1886). Junto a ele esteve Olavo Bilac (1865-1918) que contribuiu, principalmente, com a poesia e Figueredo Pimentel (1869-1914) que publicara os contos de *Carochinha* (1894). Segundo Zilberman (2014, p.18), “foi como a tradição popular e oral entrou na literatura infantil brasileira, para não sair mais”.

Entretanto, a literatura infantil servia, nesse período, apenas como um mecanismo de fixação da escrita alfabética, limitando-a. Utilizava-se assim textos de memória, trava-línguas, contos, textos que tratassem de lições sobre o meio ambiente, a boa alimentação e o comportamento social por exemplo, dando preferência a textos curtos e sintaticamente simples. Posteriormente, após a leitura realizada, eram utilizados questionários e atividades sobre os textos lidos.

A formação do leitor era afetada, pois a ênfase era dada somente para a decifração do código escrito, em detrimento de outras dimensões do ler. [...] A literatura infantil assume uma morfologia genérica e textual, que busca, em primeiro lugar, assegurar o acesso e o domínio da escrita (Cosson, 2016, p.57).

Desse modo, a leitura deixa de se relacionar com o prazer e se torna somente um recurso para ensinar os conteúdos nas escolas. Zilberman (1982), critica a escola uma vez que ela habilita o aluno por meio da alfabetização e não o transforma em leitor. Sendo assim, a leitura não tem sentido para muitas crianças e jovens que a veem como mera obrigação.

O século XX, foi marcado por uma série de eventos globais, bem como os avanços da ciência e tecnologia, a Guerra Fria, o aumento significativo da globalização, o surgimento de movimentos artísticos e sociais e os avanços da medicina que impactaram o Brasil, além do

período da Ditadura Militar (1964-1985) e a criação de programas de alfabetização que colaboraram com uma literatura marcada por uma nova concepção de tempo. É importante ressaltar que, apesar das inúmeras mudanças ocorridas, a educação, logo o acesso à leitura, no início do século ainda era restrito a uma minoria. Segundo Cademartori (2010), o país na época estava dividido entre uma cultura europeia, elitista e livresca e outra, nativa, popular e ágrafa.

Nesse mesmo cenário surge Monteiro Lobato com a publicação do livro “A menina do narizinho arrebitado”, em 1920, trazendo a fantasia e o lúdico para a literatura infantil. De acordo com Santos e Moraes (2013, p. 64 *apud* Sandroni, 1987, p.58) “Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão”.

A literatura de Lobato apresenta conotação crítica, nacionalista e de denúncia, estabelecendo relação com as questões sociais vigentes. A leitura de seus textos possibilitou uma nova experiência com a realidade, além de permitir que o leitor pudesse viajar por mundos inimagináveis como no livro “Viagem ao céu”, ou conhecer um pouco mais sobre a mitologia em “O Minotauro”. Permitiu ainda que o leitor mergulhasse no folclore brasileiro e compreendesse um pouco mais sobre Português, Matemática, História e Geografia de forma lúdica e divertida.

Contudo, somente a partir da década de 60, houve um crescimento realmente expressivo de obras infantis no contexto brasileiro, especialmente de narrativas, o qual foi acompanhado pela melhoria também da sua qualidade artístico-literária. Além disso, de acordo com Souza:

Observa-se o desmonte das antigas histórias infantis. O chapeuzinho não será vermelho, mas amarelo; a protagonista desafiará o lobo; os medos serão desmontados; os fantasmas não assustarão mais a meninada, ao contrário, serão camaradas; o menino ideal não será mais o bem-comportado, mas o maluquinho (Souza, 2010, p.56).

Souza (2010) ainda revela que a literatura traz em si a linguagem e a estética de uma sociedade degradada e ainda, é produzida em uma escala bem reduzida, mas com grande poder estético- pedagógico.

Atualmente, a literatura está enfrentando um desafio para manter seu lugar de destaque diante das facilidades oferecidas por diversas tecnologias. De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2012, os brasileiros leem em média quatro livros por ano, e, quando leem o fazem por necessidade e não por prazer. Ler como diversão é atividade preferida de apenas 28% da população, enquanto assistir televisão é preferência de 85% da população.

Com a expansão da globalização e os avanços da tecnologia houve um acesso rápido e quase imediato à uma variedade de informações, permitindo que as pessoas tivessem maior contato com diversos materiais com facilidade. A internet possibilitou a aproximação dos indivíduos à vídeos, imagens, notícias e até mesmo permitiu o relacionamento com outras pessoas por meio de dispositivos eletrônicos, como os dispositivos móveis, enquanto os livros foram, em certa medida, deixados de lado.

Segundo Giardinelli (2010), a tecnologia, especificamente, a televisão, segundo o autor, é de péssima qualidade pois propaga discursos e conteúdos deploráveis, além de ser atrasada, conservadora e autoritária. Ademais, os jogos que envolvem as crianças diariamente, são a segunda causa do problema. Para ele, a primeira causa diz respeito aos pais e docentes, que não praticam a leitura, portanto torna-se difícil incentivá-la.

Outro fator que contribui para a falha no processo de leitura é o papel do poder político e dos meios de comunicação na sociedade. De certa forma, esses atores influenciam as escolhas culturais da população, muitas vezes priorizando outros tipos de entretenimento e mídias em detrimento da literatura.

A falta de políticas públicas que incentivem a leitura literária, bem como a escassez de espaços culturais que as promovam, escassez de livros e de bibliotecas, cantinhos de leitura e investimento na formação docente também podem ser fatores que contribuem para a não-leitura; além de ser deixada como segunda opção, uma vez que, os professores não conseguem conciliá-las com os conteúdos programáticos da escola.

Giardinelli (2010) argumenta ainda que a sociedade, muitas vezes, não reage adequadamente aos obstáculos que impedem a leitura ou reagem de forma tardia e inadequada. Um dos principais desafios é a transformação do livro, historicamente um objeto material tangível, em um objeto imaterial e inapreensível, como é o caso do hipertexto¹ ou do texto virtual. Essa mudança representa um problema significativo para o hábito da leitura, pois como afirma o autor o que é virtual não é concreto, mas sim uma abstração.

¹ Apresentação de informações escritas, organizada de tal maneira que o leitor tem liberdade de escolher vários caminhos, a partir de sequências associativas possíveis entre blocos vinculados por remissões, sem estar preso a um encadeamento linear único.

[...] O livro transformado em um objeto imaterial; e os textos, que historicamente foram pergaminhos, rolos, códigos e, na sequência o amigável livro impresso que determinou a evolução do saber humano, agora são coisas imprecisas, móveis e inapreensíveis chamadas *hipertexto* ou texto virtual. Ou seja, intangível, inexistente, porque o que é virtual não é concreto, é uma abstração. Que problema (Giardinelli, 2010, p.135).

Isso significa que, além de enfrentar o desafio da falta de incentivo e da competição com outras formas de entretenimento, os leitores também precisam lidar com a mudança da própria natureza do livro e da leitura. Nesse sentido, é importante refletir sobre a importância da leitura como atividade fundamental para o desenvolvimento pessoal e intelectual.

No entanto, vale ressaltar a importância das novas tecnologias para disseminação de livros e, buscar dessa forma, maneiras de integrá-la às práticas de leitura, de modo que haja um equilíbrio no seu uso e que possam ser exploradas de forma enriquecedora.

A tecnologia surgiu para auxiliar e permitir o acesso a novas informações, basta saber como usá-la da melhor maneira possível. Isso significa que, em vez de ver a tecnologia como uma ameaça à leitura, é possível utilizá-la como uma ferramenta complementar e enriquecedora.

De acordo com Cosson (2014, p. 24), “o mais relevante não é o conjunto das obras ou suas funções sociais, mas sim o uso que se faz desse conjunto”. Acrescenta ainda que a literatura deve ser vista para além da produção de textos, considerando os produtores que a usam para criar formas de literatura; os mercados e instituições; os consumidores e um repertório que permite ao leitor entrar em contato com novas palavras, imagens, modos de viver e interpretar o mundo construído, transformado e mantendo esse repertório através do letramento literário².

Assim pode-se usar a tecnologia para disseminar a leitura e promover o acesso aos livros, por meio de bibliotecas digitais, *e-books*, plataformas de compartilhamento de livros e programas de incentivo à leitura online, ou até mesmo ter contato com a literatura por meio de filmes e novelas. Dessa forma, é possível aproveitar os seus benefícios para ampliar o acesso à leitura e incentivar a formação de novos leitores, sem deixar de lado a importância da leitura como atividade fundamental para o desenvolvimento pessoal e intelectual.

Cabe também à família se preocupar com o papel que a leitura terá na vida do indivíduo e incentivar a prática leitora. Segundo Souza (2010, p. 99) “a escola é o local por excelência para construir o leitor”. Entretanto, considera que o professor que quer desenvolver nos alunos

² Denominamos de letramento literário, ou seja, “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentido” (Paulino; Cosson, 2009, p.67).

o hábito de ler textos literários e proporcionar que desenvolvam proficiência leitora precisa do apoio dos pais e responsáveis. Segundo a autora “Existem, porém, várias alternativas para o professor que deseje trabalhar com a literatura infantil, como construir, com o auxílio dos pais e da comunidade, uma biblioteca volante, que circule nas mãos dos alunos ao longo do ano letivo” (Souza, 2010, p.98).

No entanto, é preciso reconhecer que as políticas educacionais brasileiras nem sempre dão a devida importância à literatura e à formação de leitores. De acordo com Abreu:

O que as intervenções pedagógicas e governamentais têm conseguido fazer com maior sucesso, em favor da leitura, é disseminar socialmente a ideia de que a leitura é algo para poucos e bons. Os livros lidos por muitos não servem; bons são aqueles que poucos leem, menos entendem e menos ainda gostam (Abreu, 2001, p.155).

Para Zilberman (1982, *apud* Souza 2010, p.85), “as escolhas dos dirigentes da educação brasileira descartam a literatura de seus planos de ensino, reduzindo o ensino da literatura a grau zero”. Isso é preocupante, uma vez que a literatura desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos, ajudando-os a desenvolver habilidades como a capacidade de reflexão crítica, a empatia e a compreensão do mundo.

Contudo, é necessário destacar que todo tipo e forma de leitura é válida, pois cada leitor apresenta um gosto, um ponto de vista e uma forma de ler. Desse modo, outros espaços se abrem para a formação de leitores.

Os mercados dedicados a literatura infantil, dão espaço a novas formas de manifestações que passaram a ser veiculadas, entre elas está a artística, como: as canções, o cinema e as histórias em quadrinhos, apoiadas no aguçamento das sensações táteis, sonoras, olfativas, ultrapassando o relato verbal. Além disso, o próprio livro se modificou, assumindo múltiplas formas com ênfase em sua visibilidade, um exemplo são os livros de pano, de borracha, aqueles em que as páginas formam uma dobradura ou até mesmo livros de brinquedo.

Com todas essas transformações, houve também uma mudança na formação do leitor. A literatura passou a valer por si mesma como uma experiência literária autêntica transformando até mesmo sua forma de endereçamento, se tornando mais complexa e exigindo maior interpretação por parte do leitor. “O interlocutor, ao ler, precisa estar atento a essas linguagens, interagindo com as mesmas e relacionando-as para atribuir sentido ao texto”, ou seja, demandando “um leitor competente, capaz de interagir com palavra e ilustração na significação da obra” (Ramos; Panozzo; Zanolla, 2011, p. 247 *apud* Cosson, 2016, p.60).

De acordo com Cosson:

O leitor da literatura infantil se torna tão múltiplo quanto as obras que lhe são endereçadas e demanda uma nova formação, que se preocupe mais com a sua competência literária do que com a aquisição da escrita. Em uma sociedade pós-literária, o leitor é um intérprete do mundo, ou melhor, o ato de ler se torna uma competência humana tão essencial que restringi-lo à tecnologia da escrita é empobrecê-lo e não compreender a sua verdadeira dimensão na ordem do ser (Cosson, 2016, p.63).

Para Souza:

Cabe ressaltar que a leitura, embora seja utilizada como meio para ensinar os conteúdos apenas, é de grande importância pois promove nossa humanidade ao nos conectar com o outro, possibilitando sentir sua dor, tristeza, felicidade ou alegria, assim nos tornamos sensíveis (Souza, 2010, p. 68).

Sendo assim, é indicado que a escola reconheça a diversidade presente na literatura, abrangendo diferentes gêneros, autores e estilos, de modo a promover a literatura e contribuir para o aumento de leitores no país. Desse modo, os estudantes serão capazes de ir além da mera decifração do código escrito e, assim, interpretar e compreender os significados subjacentes às obras literárias. Com isso, a literatura se torna uma ferramenta poderosa para a formação crítica e cultural dos alunos.

CAPÍTULO 2: LEITURA DELEITE

“Os livros têm o poder de transportar o leitor no tempo e no espaço, de levá-lo a penetrar em outros modos de vida, mostrar-lhe realidades desconhecidas. Permitem o acesso a uma maneira especificamente humana de ver e sentir o mundo.”

(Colomer, 2007)

Ao ler histórias e narrativas, somos capazes de nos colocar no lugar do outro, de exercitar a empatia e de ampliar nossos horizontes cognitivos e emocionais. A literatura nos ajuda a desenvolver a capacidade de reflexão crítica, criatividade, imaginação e sensibilidade estética em relação ao mundo ao nosso redor. Assim, buscando-se uma melhor compreensão da ligação entre imaginação e realidade, em decorrência das práticas de leitura literária caracterizadas pelo prazer e refletindo sobre o impacto dessa leitura na formação do leitor, a leitura deleite surge como principal tema deste trabalho.

Entendida como um momento destinado ao prazer e fruição da leitura, tem a capacidade de proporcionar a ampliação de saberes e o contato com diversos textos, visando apenas o relaxamento e a diversão. De acordo com o Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade certa (PNAIC), a leitura deleite se caracteriza por ser um momento destinado ao:

[...] prazer e reflexão sobre o que é lido, sem se preocupar com a questão formal da leitura. É ler para se divertir, sentir prazer, para refletir sobre a vida. Tal prática, no entanto, não exclui as situações em que se conversa sobre os textos, pois esse momento também é de prazer, além de ser de ampliação de saberes (Brasil, 2012, p. 29).

Dessa forma, a leitura deleite permite que o leitor entre no mundo da fantasia, alcance novos conhecimentos e estabeleça uma nova relação com os textos lidos valorizando o prazer de ler.

De acordo com Borba (2019, p.15) “a leitura deleite atua na percepção estética e possibilita uma maior aproximação entre o intelecto e a sensibilidade, favorecendo a construção de conhecimentos e experiências em todos os contextos da vida do ser humano”.

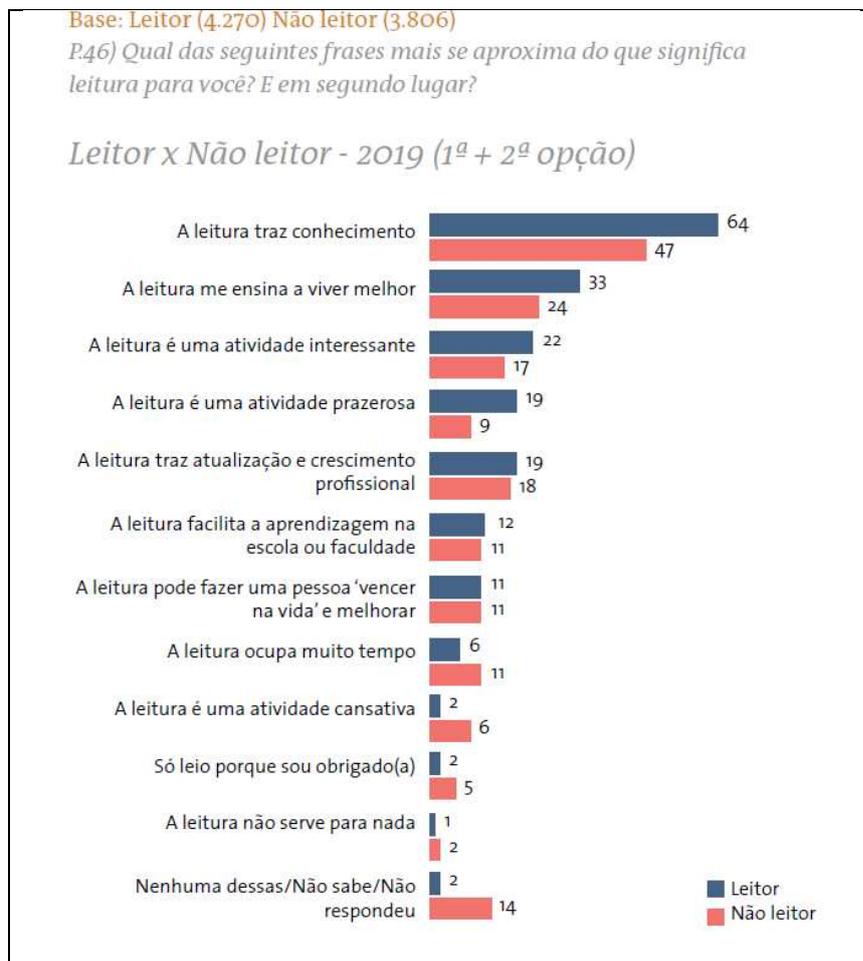
Assim sendo, a preocupação docente necessita ir além das questões curriculares e dos conteúdos escolares do ensino, abrangendo a experiência completa da criança com a leitura em todas as suas dimensões. É fundamental considerar também a importância da experiência

sensorial, que valoriza o sentido do tato e está relacionada ao prazer de manusear os livros. Isso envolve apreciar as diferentes texturas do papel, explorar as ilustrações visualmente estimulantes e valorizar a estética geral da obra. Portanto, ao promover experiências táteis, visuais e estéticas enriquecedoras, os educadores podem despertar o prazer pela leitura, proporcionando uma prática que:

Facilita a comunicação entre a criança e a situação proposta pela narrativa, concretiza as relações abstratas que só através das palavras a mente infantil tem dificuldade em perceber, permite que se fixem de maneira significativa e durável as sensações ou impressões que a leitura deve transmitir, estimula e enriquece a imaginação infantil e ativa a potencialidade criadora (Coelho, 2000, p.197).

De acordo com a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2021) é evidente que a grande maioria das pessoas leitoras e não leitoras concebem que a leitura traz conhecimento, considerando que leitor é aquele que leu, inteiro ou em parte, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses e não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

Figura 1 - Leitor x Não leitor (2019)



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil, 2021

A Pesquisa ainda revela que na faixa etária entre 5 e 10 anos assistir a vídeos ou filmes em casa (71%) perde somente para assistir a TV (82%) e escrever (75%). Entre crianças e adolescentes, outra atividade bastante realizada no tempo livre é jogar videogame, citada por 40% das crianças de 5 a 10 anos e 38% daquelas com 11 a 13 anos.

Contudo, se faz válido repensar qual é o público leitor na atualidade e como é trabalhada essa leitura em sala de aula. Os alunos se tornam leitores proficientes ou apenas decifram o código escrito?!

2.1: Quem é o leitor na atualidade?

Para Cosson (2016, p.17), “em uma sociedade pós-literária, o leitor é um intérprete do mundo [...]” Já para Azevedo (2001, p.38) “[...] é possível dizer que leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir os diferentes tipos de livros, as diferentes ‘literaturas’ científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas, entre outras existentes por aí.” O autor complementa dizendo que:

Os leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento (Azevedo, 2001, p.38).

Os conceitos apresentados por Cosson (2016) e Azevedo (2001) refletem a evolução da leitura e sua relação com a sociedade contemporânea. Em uma era pós-literária, o leitor é percebido como um intérprete do mundo, capaz de decifrar os contextos complexos que o cercam. Além disso, os leitores têm a habilidade para usufruir dos diferentes tipos de livros e literaturas existentes, seja para enriquecer sua visão de mundo, obter informações ou se envolver em puro deleite.

Essas perspectivas evidenciam a transformação da trajetória literária ao longo do tempo. Surgiram novas formas de livros e novos usos para eles. As pessoas mudaram e consequentemente, a literatura também.

Atualmente, o advento de dispositivos móveis, como smartphones e tablets, bem como o crescimento dos e-books e plataformas de leitura online, revolucionaram a forma como as pessoas consomem e interagem com os textos.

De acordo com a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2021), dos 8.076 entrevistados, 4.270 são leitores, 2.335 são leitores de literatura e 2.559 dos respondentes leem literatura exclusivamente em “outros formatos”.

Sendo assim, o leitor que optar por ler literatura em “outros formatos” tem acesso a uma grande quantidade de conteúdo literário, acadêmico e informativo. Ele pode escolher entre uma ampla gama de gêneros, estilos e autores, muitas vezes, em formatos digitais que oferecem a conveniência de ler em qualquer lugar e a qualquer momento.

O leitor atual pode ainda se engajar em comunidades virtuais de leitura, nas quais pode compartilhar recomendações, participar de discussões sobre livros e até mesmo interagir com os autores. As redes sociais e os fóruns online proporcionam um espaço para a troca de ideias e a formação de comunidades literárias.

Além disso, se beneficia de dispositivos digitais que possibilitam recursos como marcações, busca de palavras-chave, notas e até mesmo a sincronização de leituras em diferentes aparelhos. Isso facilita a organização e a recuperação de informações, tornando o processo de leitura mais dinâmico e interativo.

Outro aspecto importante é a democratização do acesso à leitura. Com a disponibilidade de livros digitais gratuitos ou a preços mais acessíveis, bem como plataformas de leitura online, o leitor tem a oportunidade de explorar uma ampla variedade de obras. Entretanto, essa democratização ainda depende da localização geográfica, bem como das condições socioeconômicas de cada leitor.

A interação com a literatura também se estende além dos livros convencionais. O leitor atual pode explorar formatos multimídia, como audiolivros e podcasts literários, que oferecem uma experiência auditiva envolvente. Além disso, a conexão entre a literatura e outras formas de expressão artística, como adaptações cinematográficas e séries de TV baseadas em livros, proporciona uma experiência intertextual enriquecedora.

No entanto, embora a era digital tenha ampliado as possibilidades de leitura, também trouxe desafios. O excesso de informações e distrações online pode dificultar a concentração e a imersão na leitura. A atenção fragmentada e o hábito de leitura superficial são preocupações que afetam alguns leitores contemporâneos.

É fundamental que o leitor cultive o hábito da leitura crítica e reflexiva, independentemente do formato escolhido, e que ainda saiba filtrar a imensa quantidade de

conteúdo disponível, selecionando obras de qualidade, diversificando suas leituras e explorando diferentes perspectivas.

2.2: O lugar ocupado pela literatura nas escolas

Como abordado no capítulo anterior, é notório que a leitura disputa lugar com as novas tecnologias (a internet e seus veículos e a televisão). De acordo com Cosson (2016), o uso dos novos recursos, como a internet por exemplo, modifica a leitura e a forma como os leitores se relacionam com ela.

Para Giardinelli:

[...] a sociedade moderna foi perdendo o espaço ocupado pela leitura da literatura em cada lar - espaço de prazer, reflexão e conhecimento – primeiro para a televisão e agora para a internet, que, com sua velocidade, fascina, simplifica e planeja adaptações e desafios que devem ser atendidos muito cuidadosamente [...] (Giardinelli, 2010, p. 48).

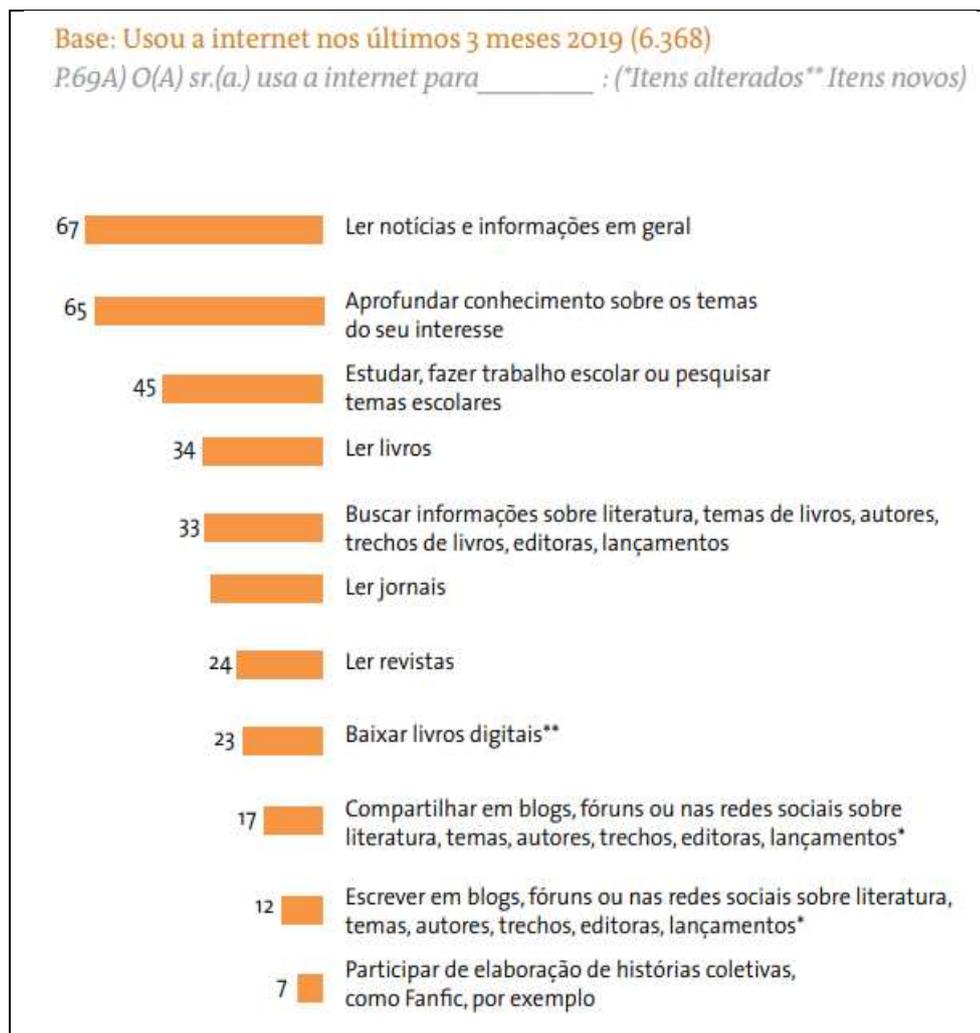
Souza (2010, p.88) complementa ressaltando que “o livro infantil, coitado, por mágico que seja, foi substituído pela linguagem sedutora da TV, recortada e vazada pelos olhos do adulto.” Nesse sentido, é evidente a existência de uma fragilidade na formação de leitores dentro do contexto escolar.

Quando a abordagem da leitura não é devidamente feita, os livros acabam sendo facilmente substituídos por outras formas de entretenimento e diversão. Além disso, a configuração da leitura no Brasil é preocupante, “por um lado, professores cada vez mais ameaçados em sua condição de sujeito-leitores e de mediadores qualificados para o ensino da leitura; por outro, alunos que não leem ou vivem a possibilidade de leitura em sua dimensão mais restrita” (Santos; Souza, 2004, p. 81).

Esse quadro resulta em uma lacuna no desenvolvimento das habilidades de leitura e compreensão, prejudicando o incentivo à prática da leitura deleite e seus inúmeros benefícios. Quando os livros não recebem a devida atenção e valorização, os alunos podem se voltar para opções mais imediatas e atrativas, como a televisão, o celular, os jogos eletrônicos, as redes sociais e outras formas de entretenimento digital. Ou, ainda, quando os professores não recebem a devida qualificação ou até mesmo não tem uma formação continuada, muitas vezes deixam de criar estratégias de leitura para a promoção de leitores fluentes em sala de aula ou nem mesmo veem na leitura uma oportunidade de transformação na vida dos educandos.

Outro recorte da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2021) evidência que nos últimos três meses do ano de 2019, 67% das pessoas utilizaram a internet para ler notícias e informações em geral, 65% para aprofundar conhecimento sobre os temas do seu interesse e apenas 34% para ler livros como revela o gráfico a seguir:

Figura 2 - Atividades relacionadas à leitura que realiza na internet (%)



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil, 2021

É evidente que a leitura perde espaço para os meios virtuais e em sala de aula é vista, muitas vezes, como um meio para se alcançar objetivos relacionados a conteúdos gramaticais e de escrita. Segundo Veloso e Paiva:

[...] no ofício docente, lazer e prazer são valores dissonantes no quadro de referências das professoras. Isso porque, a sala de aula é espaço em que se orientam atividades e aprendizagens, controlam-se tempos e espaços, propõem-se procedimentos de avaliação. Ou seja, a escola é lugar de trabalho e não de lazer, o prazer não é objetivo a ser atingido no processo de ensino (Veloso; Paiva, 2021, p.7).

“Em sala de aula, a criança raramente é estimulada à leitura-prazer, aquela que levará o aluno à compreensão da realidade” (Santos; Souza, 2004, p.80). Essa abordagem limitada da

literatura acaba por reduzi-la a um mero recurso didático, deixando de lado o aspecto essencial do prazer e do desfrute da leitura que deveria interessar aos alunos. Ao se preocupar apenas com o uso da literatura como veículo de transmissão de conteúdos, perde-se a oportunidade de explorar a diversidade de obras literárias e o prazer intrínseco que a leitura dessas obras pode proporcionar.

Outro aspecto importante da literatura é seu vínculo com a educação. Para Souza (2010), conteúdo literário possui uma dimensão pedagógica, mesmo que a obra não tenha sido escrita com a intenção de ensinar. Dessa forma, os textos literários foram historicamente usados como um meio para disseminar os valores e as concepções da época.

Nesse sentido, ao ser ligada, de maneira radical, a problemas sociais, étnicos, econômicos e políticos de tal gravidade, a literatura infantil/juvenil perde suas características de literariedade para ser tratada como simples meio de transmitir valores. Ou é lida exclusivamente em função de seus estereótipos sociais. Daí a urgência que vemos na conscientização e organização de uma crítica literária para a literatura infantil brasileira (Coelho, 2000, p.58).

É notório que a literatura possui valores e concepções imbricados independentes de seu autor ou época que fora publicada. Com isso, muitos professores utilizam desses textos e livros paradidáticos, para ensinarem aos seus alunos bons hábitos voltados a solução de problemas que assolam a sociedade ou até mesmo a sala de aula. Para Souza (2010, p.70), “o desserviço prestado por esses livretos é incalculável, pois são eles e não a literatura verdadeira que ocupam o espaço da sala de aula”.

Ademais, é preocupante constatar que muitos professores não concedem aos alunos a oportunidade de escolherem seus próprios livros, nem propiciam momentos de fruição durante as aulas, nos quais a leitura possa efetivamente ocorrer. Em alguns casos, reservam apenas os últimos cinco minutos para o término da aula para a leitura, impondo um livro escolhido por eles mesmos.

Essa abordagem limitada e restritiva compromete o prazer e a motivação dos alunos em relação aos livros. Privá-los da possibilidade de selecionar obras que despertem seu interesse pessoal é negligenciar a diversidade de gostos e preferências literárias que cada indivíduo possui. Essa falta de autonomia na escolha do material de leitura pode desencorajar a participação ativa dos alunos e prejudicar o desenvolvimento de um relacionamento genuíno e significativo com a leitura.

Por outro lado, ao reservar apenas um curto período para a leitura, muitas vezes relegando-a como uma atividade periférica e secundária, corre-se o risco de subestimar o verdadeiro potencial transformador da leitura.

A leitura demanda tempo e dedicação para que o leitor possa mergulhar nas páginas, envolver-se com a história e refletir sobre seu conteúdo. Limitar esse tempo a apenas cinco minutos finais da aula é reduzir a experiência da leitura a um mero cumprimento de uma tarefa. Coracini ressalta que:

Como ler, quem ler e o que ler e, por conseguinte, o próprio ato da leitura dependem de um contexto. Nesse sentido, além ou a partir das restrições históricas mais gerais, a leitura sofre das imitações dos discursos que informam e determinam os textos e os sujeitos. Não lemos o que queremos, mas o que nos é dado ler. Não lemos como queremos, mas como nos é permitido ler. Não lemos sozinhos ou por nossa própria conta, mas sim dentro das possibilidades que nos são oferecidas pelo contexto, pois é o momento histórico-social que aponta para a leitura a ser realizada, ou melhor, para as leituras possíveis para um dado texto, e não o texto em si (Coracini, 2005, 27-8 *apud* Cosson 2014, p. 38).

Desse modo, é perceptível que o percurso da literatura na escola foi marcado, muitas vezes, pelo seu uso para o ensino de gramática em detrimento do prazer e fruição oferecidos pela leitura literária. Lajolo (2010) evidencia que esse modelo é utilizado até os dias atuais com pequenas modificações incorporadas a questionários e identificação de personagens, tempo, espaço etc.

Em consonância com as ideias da autora supracitada, Abramovich revela que:

Há uma obrigatoriedade de prazo, uma espécie de maratona, onde um livro tem que ser lido num determinado período, com data marcada para término da leitura e entrega de uma análise, e não conforme a necessidade, a vontade, o ritmo, a querência de cada criança leitora (Abramovich, 2009, p. 140).

Souza (2010) complementa ainda que o material didático ocupa grande destaque no ambiente escolar, não abrindo espaço para nenhum outro instrumento, nem mesmo para obras de literatura. Afirma que “[...] monopolizam a leitura nas escolas os livros didáticos distribuídos sobeja e gratuitamente pelo MEC, produto de acordos entre esse órgão educacional e o mercado livreiro, para todas as etapas da educação básica” (Souza, 2010, p. 77).

Sendo assim, o uso predominante de livros didáticos nas escolas impacta o ensino da literatura. Além disso, a influência do Ministério da Educação (MEC) na distribuição desses materiais, aponta para a necessidade de refletir sobre as práticas de leitura e a pouca diversidade de obras disponíveis para os estudantes. Desse modo, afirma Souza (2010, p. 79) que “o descompromisso da escola com a literatura permite-nos compreender melhor a falta de cuidado

na seleção de textos do manual didático, a valorização da gramática em detrimento do texto e o uso deste como pretexto para outras atividades”.

Ademais, é comum observar que os professores se limitam ao uso exclusivo dos textos presentes no material didático, reduzindo essas leituras a simples atividades e questionários após a sua conclusão. Embora haja uma preocupação legítima em relação à quantidade de material a ser desenvolvido e apresentado aos alunos, visando o desenvolvimento e domínio da escrita, é evidente que a leitura vai além desse propósito.

A leitura é uma ferramenta poderosa para aprimorar a escrita, uma vez que proporciona ao aluno a oportunidade de expandir seu vocabulário, adquirir novos conhecimentos e desenvolver uma compreensão mais ampla da linguagem. No entanto, muitos professores a utilizam somente com um propósito “utilitarista”, negligenciando a fruição e se preocupando apenas com a quantidade e com o conteúdo que é compartilhado com os estudantes.

Ao se preocuparem exclusivamente com a quantidade de material, perde-se de vista a importância de selecionar textos e livros de qualidade, que despertem o interesse e a curiosidade dos alunos, além de promoverem a reflexão e a conexão com o mundo ao seu redor. Bem como pontua Souza (2010, p. 78) “[...] a preocupação é com a técnica de leitura e não com o conteúdo de literatura que compõe uma língua”.

Nesse contexto, é fundamental que os professores assumam um papel ativo na promoção da literatura na escola, buscando diversificar as fontes de leitura e proporcionar aos alunos um contato amplo com diferentes gêneros literários. É importante ir além dos livros didáticos, explorando obras de literatura, poemas, crônicas, contos e toda diversidade literária existente. Dessa forma, os estudantes terão a oportunidade de desenvolver o gosto pela leitura, ampliar seu repertório cultural e aprimorar suas habilidades de interpretação e expressão escrita.

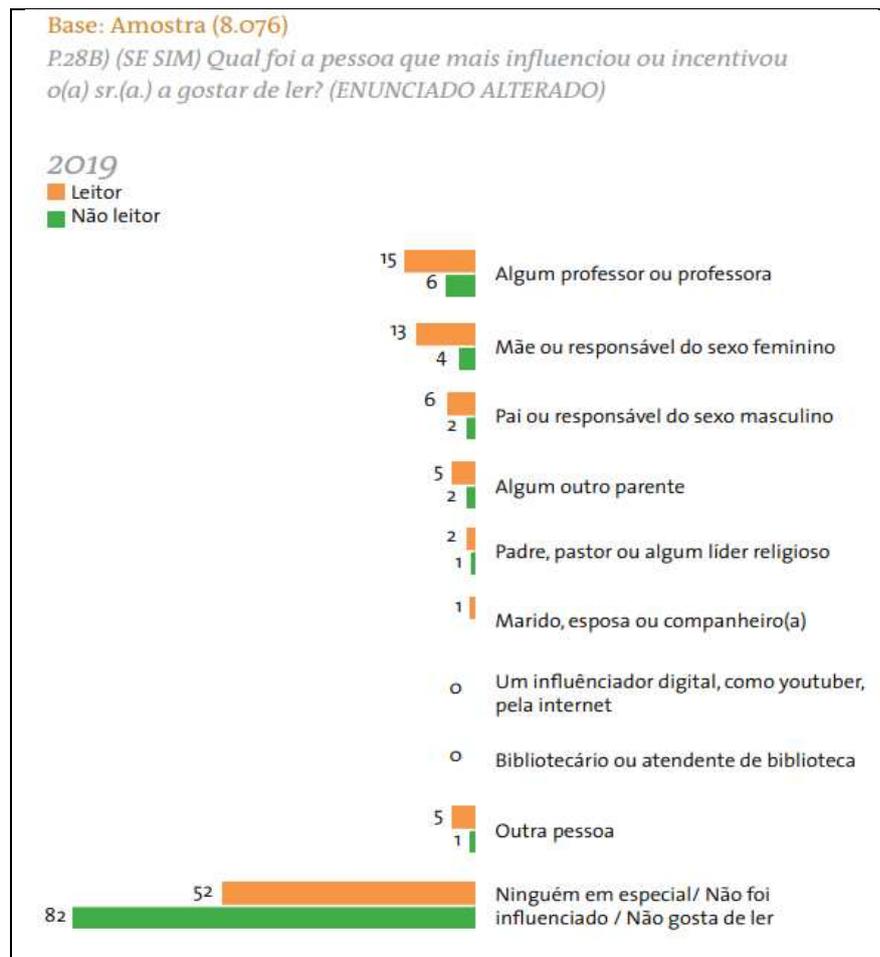
Muitos professores podem adotar uma abordagem mais cuidadosa em relação à seleção dos textos utilizados em sala de aula, considerando não apenas a quantidade, mas também a qualidade e a relevância dos materiais escolhidos. Ao oferecer aos alunos leituras estimulantes, desafiadoras e significativas, os professores têm o poder de despertar o gosto pela leitura e contribuir para o desenvolvimento integral dos mesmos.

Contudo, de acordo com Giardinelli:

Se o docente não lê, não está preparado para desfrutar da leitura, não saberá transmitir eficazmente nenhuma estratégia por melhor que seja, porque ele mesmo não sabe desfrutar da leitura e então jamais poderá transmitir o prazer de ler aos seus alunos (Giardinelli, 2010, p.73).

Ainda tendo como fonte a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2021), destaca-se que, para muitos dos entrevistados, o principal agente influenciador e incentivador da leitura foi identificado como sendo o professor.

Figura 3- Quem mais influenciou o gosto pela leitura por perfil Leitor X Não leitor (%)



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil, 2021

Para Kirchof e Bonin (2016), o professor precisa ter uma boa formação, deve ser e se reconhecer como leitor além de conhecedor de um bom repertório de obras afim de cativar seus alunos. Desse modo, o professor deve antes mesmo de ser incentivador, ser leitor e se reconhecer como tal, aprimorando seu hábito de leitura e expandindo seu repertório. Somente assim conseguirá compreender que a leitura é de extrema importância no desenvolvimento humano e na formação de crianças e jovens, reconhecendo também que a literatura é uma ferramenta pedagógica poderosa. Por meio da leitura de diferentes obras literárias, os alunos

podem se deparar com questões sociais, éticas, históricas e culturais, despertando seu senso crítico e promovendo uma visão mais ampla do mundo.

É necessário romper com a predominância dos livros didáticos e resgatar o valor da literatura como fonte de prazer, reflexão e conhecimento. Proporcionando momentos de fruição e contemplação durante as aulas, nos quais os alunos possam se envolver plenamente com a leitura.

Todavia, existem outros fatores além da má formação dos professores, da substituição dos livros pelos recursos tecnológicos e do intensivo uso do material didático, que implicam na má formação dos leitores e da não-leitura em sala de aula, bem como: a “omissão da escola, a escassez de livros, a deficiência das bibliotecas e cantinhos de leitura, a falta de investimentos na formação inicial e no desenvolvimento profissional docente” (Paiva; Veloso, 2021, p.13).

No entanto, apesar da existência de vários desafios a serem enfrentados e da necessidade de estabelecer novas políticas públicas que facilitem a disseminação de livros e, conseqüentemente, promovam a leitura, é incumbência do professor superar tais obstáculos e, desse modo, incentivar seus alunos a buscarem novas obras literárias, possibilitando, assim, seu desenvolvimento pleno.

Para Abramovich:

É através duma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo) (Abramovich, 2009, p.17).

Portanto, é essencial que muitos professores repensem suas práticas pedagógicas em relação à leitura, concedendo aos alunos liberdade de escolha e tempo suficiente para a fruição e o envolvimento com os livros, além de disponibilizar um ambiente preparado para tal evento. Essas medidas não apenas enriquecem a experiência dos alunos com a leitura, mas também contribuem para o desenvolvimento de habilidades linguísticas, cognitivas e emocionais, essenciais para sua formação integral.

CAPÍTULO 3: AS PRÁTICAS DE LEITURA

“A leitura é o coração da educação”.

(Trelease, 1941)

De acordo com Colomer (2007), há diversos motivos que implicam em uma má formação leitora, dentre eles a autora aponta a falta de participação sociofamiliar, um ensino escolar baseado em um conjunto reduzido de obras e, a falta de compartilhamento de ideias e pensamentos, o que leva o leitor a ter que adivinhar as expectativas do professor.

Para formar um leitor competente, é essencial despertar o interesse e o conhecimento dos responsáveis em relação à leitura, além da criação de estratégias significativas. Ademais, é fundamental que os docentes estejam devidamente preparados, pois aqueles que não possuem recursos para orientar os alunos no caminho da leitura e desconhecem estratégias, técnicas e repertório adequados, muitas vezes, não serão eficazes em sua jornada educativa.

Para tanto, o professor deve formar-se primeiramente como professor leitor para posteriormente se tornar um profissional leitor. De acordo com Souza (2010), “a leitura há que ser orientada pelo olhar seguro de um leitor adulto. Daí a necessidade de o professor, antes do aluno, se tornar esse tipo de leitor”.

Para Lajolo (2000) os profissionais responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê. Somente desse modo poderá auxiliar os alunos na construção de um caminho leitor, identificando os interesses e as dificuldades deles no ato de ler, proporcionando o desfrute da narrativa e, conseqüentemente, a ampliação dos seus conhecimentos e repertório.

Pensando nisso, há uma enorme diferença entre “saber ler” e “tornar-se um leitor”. No primeiro caso trata-se de ter adquirido a habilidade de conhecer e decifrar o código escrito, a mensagem simbólica; já no segundo diz respeito a aprender, a compreender e interpretar, inserindo-se assim no universo do autor, compartilhando ou não dos seus pensamentos, ideais e hipóteses sendo protagonista no ato de ler.

Freire (2021), afirma que a linguagem e a realidade precisam ser relacionadas dinamicamente sendo que a experiência de vida dos alunos também deve ser valorizada. Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreendendo, interpretando, relacionando o que se lê com a própria vida, ações, sentimentos. As crianças leem quando os textos apresentam significados para elas.

Desse modo, é correto afirmar que a leitura decorre da interação que acontece entre sujeito, língua, texto e sentido. Cabe então ao leitor não somente decifrar o código, mas sim compreender e interpretar o que está escrito, nesse sentido, o leitor se torna não somente um consumidor de livros, mas também um produtor destes à medida que preenche as lacunas e as entrelinhas.

Colomer (2007) acrescenta dizendo que a literatura possui uma quantidade exemplar de estudos e que, a leitura de histórias para crianças é extremamente importante pois proporciona o desenvolvimento em diversos aspectos, bem como: a ampliação do vocabulário, da compreensão de conceitos, da percepção de como funciona a linguagem e, antes de tudo, proporciona uma motivação para que a criança queira ler.

A autora complementa dizendo que é essencial criar um ambiente leitor, no qual seja disponibilizado uma variedade de livros – além dos didáticos-, para que assim os alunos tenham contato com a linguagem e a escrita de modo constante e variado, ampliando seu vocabulário e repertório e desenvolvendo o gosto e o prazer pela literatura.

Ademais, a leitura espontânea, pessoal e selecionada pelo leitor, é de fundamental importância para a formação do hábito de ler. Deve necessariamente existir abertura e oportunidade para que a criança leia livros de seu interesse. A escolha pessoal de livros deve ser incentivada, ainda que o professor possa orientar, recomendar e, até mesmo sugerir textos, quando solicitado.

Portanto, algumas boas estratégias e práticas podem auxiliar o desenvolvimento da leitura dentro e fora da sala de aula. Segundo Cosson (2014), a contação de histórias é:

Uma forma privilegiada de ampliação do vocabulário, relação com o impresso, estímulo a imaginação, desenvolvimento da criatividade e do senso crítico, incorporação de modelos narrativos, incentivo à leitura, promoção de valores e crescimento emocional, além de funcionar como ponto de partida ou ligação entre conteúdos programáticos (Cosson, 2014, p.112).

Pensando nisso, existem diversas estratégias e programas que podem ser utilizados para incentivar e promover a leitura, acima de tudo a leitura por prazer. Giardinelli (2010) destaca a importância dos círculos de leitura, das dramatizações, das leituras protocoladas, leituras guiadas e das leituras solidárias. Além disso, há iniciativas como os programas de avós contadoras de história, de pediatras leitores voluntários, de leitor amigo, de leitura acompanhada, leitura em família e instituições leitoras.

Cosson (2014) complementa afirmando também que se deve adotar práticas de leitura literária, bem como: a leitura silenciosa, a leitura em voz alta, a leitura antes de dormir, as sacolas de leitura, a dramatização e contação de histórias e os círculos de leitura.³

Essas estratégias e programas mencionados representam abordagens inovadoras e diversificadas para promover a leitura em diferentes contextos. Nessas há o reconhecimento de que o incentivo à leitura vai além da simples disponibilização de livros, envolvendo ações que estimulam o engajamento, a interação e a participação ativa dos leitores.

Ao oferecer todos esses tipos de leitura, busca-se criar experiências mais enriquecedoras e envolventes para os leitores. Elas proporcionam espaços de diálogo, reflexão, expressão e interpretação, permitindo que os participantes explorem a literatura de maneira mais profunda e significativa.

Os programas de avós contadoras de história, pediatras leitores voluntários, leitor amigo, leitura acompanhada, leitura em família e instituições leitoras são exemplos de como diferentes atores sociais podem desempenhar um papel fundamental no estímulo à leitura. Eles ampliam as atividades de promoção da leitura, alcançando públicos diversificados e estabelecendo conexões pessoais e comunitárias em torno do ato de ler.

Essas abordagens têm em comum o objetivo de tornar a leitura uma prática acessível, envolvente e prazerosa para todos. Os autores reconhecem ainda que o desenvolvimento do hábito de leitura não depende apenas de recursos materiais, mas também do estabelecimento de vínculos afetivos, do apoio mútuo entre leitores e do compartilhamento de experiências.

Ao promover a leitura de forma mais ampla e diversificada, essas estratégias e programas contribuem, posteriormente, para a formação de leitores críticos, reflexivos e autônomos. Elas auxiliam na ampliação do repertório literário, no desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação, na expansão do conhecimento e no estímulo à criatividade e imaginação. Portanto, essas práticas contribuem para despertar o interesse e o desenvolvimento do leitor em formação.

Coelho (2000) destaca que deve haver a necessidade de adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil e juvenil. Complementa dizendo que a inclusão do leitor em

³ Para Cosson (2014) os círculos de leitura são espaços destinados ao diálogo e a participação, a fim de, em grupo, ler, analisar e discutir textos da esfera literária.

determinada categoria não depende apenas da sua idade, mas sim da inter-relação entre sua idade e seu nível de amadurecimento, ou seja, do desenvolvimento de suas habilidades leitoras.

A autora enfatiza que é fundamental considerar o estágio de desenvolvimento leitor em que o indivíduo se encontra ao avaliar sua capacidade de compreensão e apreciação de textos literários. Isso implica reconhecer que o processo de leitura envolve não apenas decodificar as palavras, mas também compreender seu significado, fazer conexões entre as ideias apresentadas e interpretar o conteúdo de maneira crítica.

Outra estratégia interessante que o professor pode adotar é o letramento literário. Para Paiva e Veloso (2021, p.12), “o letramento literário apresenta-se como processo capaz de desenvolver nossa sensibilidade e humanidade, ampliar horizontes culturais e desenvolver no leitor o senso crítico em relação ao que vê, ouve e lê”. Paulino e Cosson (2009, p.67 *apud* Cosson, 2016, p.53) definem letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”.

Essas estratégias refletem a diversidade de abordagens e práticas que podem ser adotadas para promover o envolvimento dos leitores com o texto, visando proporcionar uma leitura prazerosa e experiências enriquecedoras, permitindo que o leitor estabeleça relação íntima com os personagens e narrativas, que desenvolva sua fluência leitora e apreciação estética e que manifeste sua imaginação e criatividade, tornando-o assim mais crítico e competente.

Cosson (2014) apresenta outras estratégias leitoras baseadas nas propostas de Cyntia Giroto e Renata Souza (2010). Entre elas está: a ativação de conhecimentos prévios que antecede a leitura; a conexão que permite com que o leitor estabeleça relações entre a obra e outro texto, movimento ou momento de sua vida; a inferência que consiste em que o leitor crie hipóteses e tire conclusões da leitura que está realizando; a sumarização que é a seleção dos elementos mais relevantes do texto lido e, por fim, a síntese que permite que o leitor faça uma interpretação do texto lido.

O docente também tem a opção de conduzir o reconto da história como forma estratégica, proporcionando aos alunos a oportunidade de estabelecer novas conexões e associações que talvez não tenham sido feitas anteriormente. Além disso, é viável permitir que o próprio aluno assuma a responsabilidade pelo reconto da narrativa, possibilitando uma reflexão sobre os elementos que mais o cativaram e lhes foram significativos.

Para o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil:

A repetição da história contada é sempre positiva, a criança sempre observa algo novo após a contação. Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez (RCNEI, VOL. 3, p.143).

Nesse sentido, quando os alunos escutam narrativas são incentivados a explorar profundamente seus sentimentos, memórias e a imaginação. As histórias têm o poder de revelar novas perspectivas, despertar emoções antes não experimentadas e estimular a criação de algo que não existia anteriormente. O mundo se transforma, adquirindo maior significado. Sendo assim, é responsabilidade do docente mostrar aos discentes como a literatura pode ser utilizada, a fim de que compreendam seu verdadeiro sentido, despertando o leitor interior que habita em cada um.

Além de tudo, o docente pode adotar também outras práticas e estratégias, bem como a apresentação de seminários e de peças teatrais, desde que não torne a leitura apenas um mecanismo para ensinar a escrita e a gramática por exemplo, permitindo que o aluno desfrute ao máximo de sua leitura.

Conforme apresentado por Solé, o leitor deve:

Adotar um pensamento estratégico, dirigindo e autorregulando seu próprio processo; é isso que caracteriza um leitor inteligente, e é nesse sentido que deveriam ser orientados os esforços do ensino. Este deveria prover os alunos das estratégias que lhes permitissem abordar diferentes textos, acadêmicos e cotidianos, com diferentes intenções – desfrutar, aprender, resolver um problema concreto etc. (Solé, 1996, p.28).

Cabe à escola oferecer aos alunos oportunidades de aprender e, nesse caso, desenvolver diferentes estratégias que os auxiliem em suas leituras diárias, tanto em contextos acadêmicos quanto pessoais. Além disso, é essencial que a escola crie um ambiente acolhedor, propício à leitura de prazer, por meio de iniciativas como a criação de cantinhos de leitura e bibliotecas bem equipadas. Dessa forma, os estudantes se sentirão encorajados e motivados a se engajar ativamente com os textos, explorando diferentes gêneros literários e ampliando seu horizonte leitor.

Souza e Cosson (2018) afirmam que a criação de cantinhos da leitura é essencial para promover a leitura diária em sala de aula e estimular os alunos a terem contato com diversos livros. Esses cantinhos compreendem um espaço bem elaborado, alguns contam até mesmo com tapetes ou tatames, almofadas, prateleiras ou baús onde ficam os livros.

A leitura pode ser feita nesse espaço durante as aulas ou até mesmo em casa, por meio de um empréstimo dos livros semanalmente. Essa prática tem como objetivo aproximar os alunos dos livros, facilitando o acesso e permitindo que, ao realizar o empréstimo por um longo período, possam desfrutar das histórias e ter momentos prazerosos ao longo de uma narrativa.

Souza e Cosson (2018) ressaltam que o acervo é, muitas vezes, providenciado pelo professor. Em situações distintas, os pais dos alunos podem fazer a seleção a partir de uma lista fornecida pela escola, ou ainda, a biblioteca escolar pode disponibilizar diretamente os materiais para a sala de aula.

Para os autores, o cantinho da leitura deve ser montado levando em consideração a opinião dos alunos, considerando os livros que eles gostam e até mesmo aqueles que eles desconhecem, instigando assim sua curiosidade e possibilitando a construção do gosto pela leitura. Outro fator importante é envolver os alunos no seu processo de construção, permitindo que eles possam dar opiniões e ideias tanto na organização do espaço e dos livros, quanto no seu funcionamento, criando regras e estratégias para sua utilização.

Desse modo, o cantinho da leitura é essencial para que os alunos sejam ativos nesse processo. Contudo, é papel do professor realizar a mediação entre leitor e livro além de oferecer e proporcionar aos discentes a leitura diária de livros que despertem o prazer e interesse deles, para que assim possa despertar o hábito leitor.

Ademais, esses momentos propiciam o desenvolvimento do respeito entre os alunos, incentivando a troca de experiências sobre os gêneros e títulos que mais apreciaram ou não na ocasião. Por fim, oferecem ao educador a oportunidade de compreender as razões pelas quais alguns alunos podem expressar insatisfação com a proposta, permitindo-lhe identificar a origem do problema e oferecer suporte durante o processo de formação do leitor.

Entretanto, vale ressaltar que o cantinho da leitura não substitui as bibliotecas escolares, que são fundamentais nesse processo de formação leitora. De acordo com a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2021), “para que se possa promover o processo formativo do leitor a partir da biblioteca escolar, esta deverá estar inserida no planejamento pedagógico da escola.” Isso significa que gestores e professores desempenham um papel crucial no planejamento e na seleção criteriosa dos livros que serão disponibilizados na biblioteca.

Ao planejar e selecionar os livros, é fundamental também que os gestores e docentes estejam atentos à qualidade e relevância dos materiais, buscando obras que despertem a

curiosidade, a imaginação e a reflexão dos leitores, bem como a adequação ao desenvolvimento psicológico deles.

Além da seleção de livros, é necessário cuidar da organização física e visual da biblioteca, proporcionando um ambiente acolhedor e convidativo, bem como a garantia de um ambiente organizado e adequado para que a leitura aconteça.

Isso envolve a disposição adequada dos livros, a criação de espaços de leitura confortáveis e a utilização de recursos visuais que estimulem o interesse dos alunos pelos livros. Torna-se fundamental que seja estabelecido um tempo dedicado à leitura na rotina escolar, permitindo que os alunos tenham momentos regulares para explorar a biblioteca e desfrutar dos livros disponíveis.

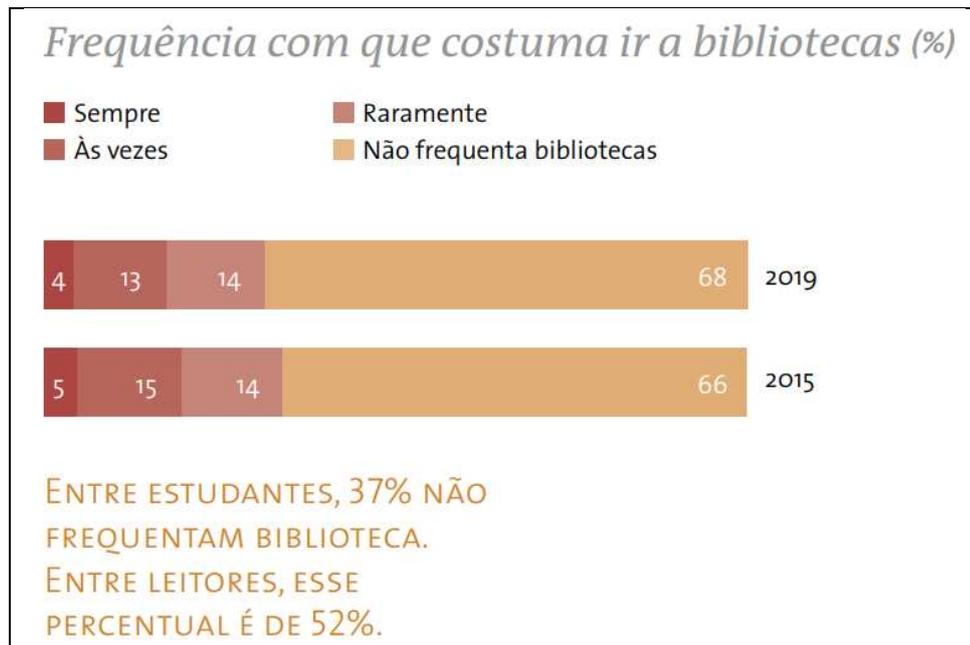
Faria (2004) afirma que:

Uma das formas de propiciar esse ambiente é por meio da criação na instituição e mesmo na sala de atividades, de espaço onde as crianças possam interagir individual ou coletivamente com a leitura e a escrita. Por exemplo, a organização de um lugar onde devem ficar os diferentes livros e revistas de uso dos alunos que, dependendo das condições, tanto pode ser uma biblioteca de uso de toda a instituição, como um cantinho para guardar livros. O importante é que a criança tenha acesso fácil a esse material (Faria, 2004, p.56).

Por fim, a autora complementa dizendo que para que se torne leitor, é fundamental o sujeito estar integrado a uma comunidade leitora, de modo que haja o compartilhamento e a troca de significados das obras lidas.

Entretanto, de acordo com a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2021), é visível que muitas pessoas não frequentam a biblioteca, dentre elas, muitos são estudantes e leitores.

De acordo com o gráfico abaixo, dentre os leitores o percentual é ainda maior que dos estudantes, passando de 50%. Um dos maiores motivos declarados para não frequentar a biblioteca é a falta de tempo (34%) e o simples fato de não gostar de ler (20%).

Figura 4- Frequência em bibliotecas

Fonte: Retratos da Leitura no Brasil, 2021

Esse cenário revela que muitos brasileiros não receberam estímulos adequados para desenvolver o hábito de leitura, e quando dispõem de tempo livre, optam por atividades diferentes. Diante disso, é fundamental que a escola assuma o papel de agente transformador, adotando estratégias eficazes para despertar o interesse e estimular os alunos a se tornarem leitores assíduos. Esse objetivo pode ser alcançado por meio de estratégias diversificadas, bem como aquelas citadas anteriormente.

Aliás, é importante que os professores sejam exemplos de leitores, compartilhando suas experiências literárias e demonstrando entusiasmo pela leitura. De acordo com Faria (2004, p.57) “É importante que se tenha claro que somente aquele que lê e que ama os livros é capaz de formar outros leitores.”

É essencial que o corpo docente e os próprios responsáveis pelos alunos saibam escolher bons livros, pois como afirma Colomer (2007, p.113), “[...] pode constatar-se, sem muito esforço, que a desorientação social dos compradores adultos leva a uma aquisição acrítica de livros, que não contribuem para dar as crianças um *corpus* de leitura que lhes assegure que ler vale a pena”.

Nesse sentido, a autora ressalta a importância não apenas da produção de livros de qualidade, mas também da formação adequada dos professores e responsáveis em relação aos critérios de seleção e formação literária. Além disso, é crucial incentivar o estudo aprofundado dos livros como forma de estimular o desenvolvimento da leitura crítica.

Ao adotar as estratégias abordadas anteriormente, a instituição escolar, juntamente com os atores sociais, contribui para despertar o interesse e instigar a curiosidade dos alunos, mostrando que a leitura é uma atividade prazerosa e enriquecedora. Dessa forma, os estudantes podem descobrir o mundo dos livros, ampliar seus horizontes, desenvolver o pensamento crítico e aprimorar suas habilidades linguísticas.

3.1: Como escolher uma boa obra literária para crianças?

Escolher uma boa literatura infantil não é tarefa fácil, mesmo porque cada criança é singular e, portanto, apresenta seus próprios gostos e opiniões seja pelo título da obra, autor, pelo conteúdo, ilustrações etc.

Para Ferreira as histórias:

Permitem à criança a entrada no mundo ficcional, mas também uma compreensão do mundo circundante, na medida em que é confrontada com situações vividas pelas personagens, assim como com os seus diversos modos de atuação e com a forma como estes se refletem tanto nas próprias personagens, como naqueles que as rodeiam. Ao projetar-se nessas personagens, que vivem por vezes dramas pessoais ou enfrentam situações de dúvida ou conflito, a criança aprende por si, ou através da mediação do adulto, que a vida nem sempre é linear e que os problemas com que se deparam as personagens (e porventura ela própria) poderão ser resolvidos, o que apazigua medos e inseguranças próprios do estágio de desenvolvimento em que as crianças em idade pré-escolar se encontram (Ferreira 2013, p.36 *apud* Mendes e Velosa 2016, p. 15).

Para Reyes (2011) a escolha da literatura deve ser baseada no gosto e na opinião dos próprios leitores, considerando ainda o autor, o ilustrador, a editora, a idade sugerida e os livros que gerem prazer, afastando-se assim daqueles que apresentam um cunho didático.

Muitos livros infantis sugerem obras de literatura acompanhadas de indicações de faixa etária e propostas para atividades. É de responsabilidade do professor e do responsável estar atento à essas necessidades e buscar por obras que representem os leitores e que permitam uma leitura prazerosa, além do desenvolvimento da capacidade crítica e das habilidades que ele desenvolverá.

De acordo com Veloso (2005, p.09 *apud* Mendes e Velosa, 2016, p.121), “o livro para crianças, precisamente porque é para crianças, tem de ser uma obra de arte”. É papel dos adultos ficarem atentos também as escolhas das obras nesse sentido, para que possa atingir de forma eficiente o leitor em desenvolvimento.

Nas obras literárias destinadas ao público infantil, as ilustrações ocupam papel de destaque, permitindo que as crianças compreendam melhor o texto escrito e que se interessem pela narrativa, despertando suas emoções ao verem a obra. Para Mendes e Velosa (2016, p.122) “É percorrendo, maravilhada, as páginas ilustradas que a criança vai construindo a sua narrativa, por vezes fazendo-o em voz alta, para si ou para os outros”.

Nesse sentido, a escola deve prezar pela adoção de práticas eficazes que promovam a disseminação da literatura e que proporcionem um ambiente acolhedor com um rico acervo, para que os alunos tenham possibilidades de escolha e imersão na leitura.

A literatura não apenas desempenha uma função intrínseca ao favorecer o desenvolvimento da leitura e escrita, mas também exerce um papel significativo na vida das pessoas. Ela não apenas promove a habilidade de se tornarem leitores proficientes, mas também proporciona o prazer e a vivência de emoções durante o ato de ler, permitindo aos indivíduos explorarem mundos inimagináveis, além de abrir novos horizontes.

De acordo com Micarello e Baptista (2018), a experiência literária permite libertar as crianças da limitação da realidade, de forma com que transitem em um mundo de fantasia, criando formas de lidar com seus sentimentos, suas dificuldades e frustrações existentes no mundo real.

O despertar inicial no mundo da leitura pelas crianças necessita de um acompanhamento e de uma maior participação por parte dos adultos, podendo ser pais, docentes ou responsáveis. É papel desses incentivar o hábito de ler, levando as crianças e jovens a bibliotecas e livrarias, realizando a leitura de livros antes de dormir e fazendo a contação de histórias. Essas ações fortalecem o vínculo afetivo com a literatura, ampliam o repertório literário das crianças e estimulam sua imaginação e criatividade, além de favorecer a formação de cidadãos leitores.

Colomer (2007, p.117) afirma que “é imprescindível dar aos meninos e meninas a possibilidade de viver, por algum tempo, em um ambiente povoado de livros, no qual a relação entre suas atividades e o uso da linguagem escrita seja constante e variada”. As crianças veem nos adultos modelos a serem seguidos, de forma que pais e professores que valorizam o hábito de ler, contribuem para desenvolver nas crianças o gosto pela leitura.

Nesse sentido, as práticas de leitura desenvolvidas desde a mais tenra idade, contribuem para a formação de leitores proficientes e críticos corroborando como desempenho leitor nos

mais diversos gêneros literários e textuais, permitindo que se tornem cidadãos mais informados e reflexivos, compreendendo o mundo ao seu redor e lutando por seus direitos.

Destaca-se assim que a formação de cidadãos críticos pode ser viabilizada por meio da prática da leitura, uma condição essencial para o pleno exercício da cidadania. Isso se deve à capacidade da leitura em possibilitar que o indivíduo possa compreender as questões sociais que o envolvem, permitindo-lhe expressar-se com sua própria voz e conscientizar-se de todos os seus direitos.

Para Giardinelli (2010, p.69) “Somos o que lemos. A ausência ou escassez da leitura é um caminho certo rumo à ignorância e essa é uma condenação individual gravíssima, mas é ainda pior quando se torna coletiva”.

Para o autor a formação de cidadãos leitores é essencial para o estabelecimento de uma sociedade responsável e democrática, além disso somente a leitura “suaviza o caráter” pois sua prática gera “reflexão, mediação, ponderação, balanço, equilíbrio, comedimento, bom senso e desenvolvimento da sensatez” (Giardinelli, 2010, p.69).

Ao nos depararmos com um texto, estabelecemos um diálogo entre nosso conhecimento prévio e as novas informações apresentadas, refletindo e conferindo significado à leitura, empregando de maneira apropriada os recursos argumentativos para sustentar nossos pontos de vista. Ressalta-se que é nos textos e por meio deles que se desenvolve a competência de operar de maneira crítica e criativa.

Em suma, a escolha cuidadosa da literatura infantil, considerando a leitura deleite como um caminho de formação leitor, bem como as preferências das crianças e jovens, os aspectos como autor, ilustrador e editora, aliada as práticas educacionais que promovam o acesso aos livros e a leitura prazerosa, criam um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades e para a possível formação de leitores críticos e apaixonados pela leitura.

Entendemos que esse deva ser um trabalho conjunto entre escola, professores, responsáveis e toda a comunidade ao promover às crianças e jovens a leitura deleite e, assim, permitir que se formem leitores assíduos e cidadãos mais críticos e responsáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou evidenciar a trajetória que a literatura percorreu até os dias atuais. Teve como foco a leitura deleite como uma das formas de inserir crianças e jovens no mundo da leitura, além de enfatizar a necessidade do uso de estratégias leitoras na unidade escolar as quais promovam e ampliem a quantidade de leitores, bem como a qualidade dessas leituras.

O objetivo geral da pesquisa consistiu em identificar, a partir da trajetória literária traçada, como a leitura vem sendo trabalhada no Brasil e, a partir disso, como a leitura deleite pode se constituir como um caminho para a formação do leitor. Durante esse processo, diversos autores reiteraram a relevância da leitura prazerosa. Foram também elencadas inúmeras práticas que promovem seu desenvolvimento. Com isso, atesta-se que o objetivo geral da pesquisa foi atingido.

Como primeiro objetivo específico traçado, foi realizado um panorama da trajetória literária brasileira desde o século XVIII até os dias atuais, listando a evolução da literatura voltada para as crianças bem como a transformação do livro. A pesquisa foi realizada com base em uma série de autores e teve como propósito evidenciar o histórico traçado mostrando a evolução da leitura e do leitor.

O segundo objetivo traçado partiu da definição dos temas: literatura, leitura e leitura deleite, buscando exemplificar quem é o leitor atual e como ocorre a leitura atualmente, além de listar os desafios enfrentados que impedem a promoção de uma leitura prazerosa dentro e fora do ambiente escolar.

Por fim, o último objetivo específico traçado consistiu em listar diversas práticas e estratégias que possam contribuir com a leitura deleite e conseqüentemente, com a formação do leitor.

Os estudos realizados sobre as práticas de leitura literária, com ênfase na leitura deleite, juntamente com a sustentação teórica buscada e a reflexão acerca da temática, contribuíram para obter respostas frente ao problema de pesquisa: como a leitura deleite pode se tornar um caminho para a formação de leitores?

Foi confirmado assim, que as práticas de leitura, quando bem elaboradas e trabalhadas em sala de aula, permitem fomentar no leitor o gosto pela leitura, incentivando-o cada vez mais a construir sua preferência literária e a se desenvolver como leitor. Essas questões confirmam a

hipótese inicial da pesquisa, ou seja, boas práticas de leitura deleite contribuem com a formação do leitor.

Ao final da pesquisa, nota-se que a leitura desde cedo não foi uma prática recorrente para a grande maioria da população, que a falta de recursos, de formação e de conhecimento contribuíram para que não houvesse o desenvolvimento de possíveis leitores que vissem na leitura e, principalmente, na leitura deleite, um meio para se desenvolverem cognitivamente e profissionalmente, além de ser uma atividade enriquecedora para usufruir no tempo livre.

Os resultados revelam ainda que a leitura e, conseqüentemente, a leitura deleite, ocupam um papel crucial na vida do ser humano. Entretanto, ela não deve ser somente um meio para ensinar conteúdos escolares ou mesmo utilizada para decodificar o código escrito. A leitura deleite deve abrir horizontes, permitir que os leitores possam fazer inferências e ampliar sua imaginação, bem como sua criatividade e seu repertório, tornando-os mais críticos e responsáveis.

É relevante destacar que a responsabilidade pela formação de leitores competentes não recai apenas sobre os docentes e a escola, mas também sobre as famílias, a comunidade e o governo. É crucial que essas instâncias busquem implementar novas práticas e políticas inovadoras que possam fomentar o interesse pela literatura e incentivar o surgimento de novos leitores.

Essa pesquisa foi de suma importância para que houvesse uma reflexão acerca das práticas de leitura vivenciadas em sala de aula por meio do Estágio Curricular Supervisionado possibilitando-me a descoberta de diversas práticas e estratégias que auxiliam na formação do leitor.

Compreende-se assim, que é papel da sociedade contribuir com práticas que proporcionem as crianças e jovens uma experiência enriquecedora e prazerosa com a leitura. Acima de tudo, é necessário que a escola esteja preparada para auxiliar e mediar essa formação.

Espera-se que esse trabalho contribua para os interessados na temática pesquisada provocando-lhes a reflexão a respeito dos usos adequados destinados a leitura em sala de aula, compreendendo-a sua importância no cenário atual e dos vários meios de proporcionar o acesso aos livros dentro e fora do ambiente institucional visando que, a leitura deleite possa ser um possível caminho para a formação do leitor, conduzindo-o a uma formação profunda e reflexiva.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Ouvindo histórias. In: ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5º ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- ABRAMOVICH, Fanny. Trabalhando com a apreciação crítica. In: ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5º ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. 1º ed. Campinas, SP: Mercados das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2004.
- BORBA, Ellem Rudijane. A Leitura Deleite e suas contribuições para a Cultura do Livro. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, 2019.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: formação de professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília, 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CHARTIER, Roger. O leitor entre limitações e liberdade. In: CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. A articulação escolar da leitura literária. In: COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. Ler na escola: os livros de leitura. In: COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. O progresso do leitor. In: COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. Os livros como mestres. In: COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. Literatura infantil em uma sociedade pós-literária: a dupla morfologia de um sistema cultural em movimento. **Pro-Posições**, v. 27, p. 47-66, 2016.
- EDITORA, Infopédia-Dicionários Porto. Literatura infantil. **Infopédia-Dicionários Porto Editora**, [s.d.].

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 3**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 5**. Sextante, 2021.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de. Memórias de leitura e educação infantil. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8ª ed. Curitiba, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 52º ed. São Paulo: Cortez, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 73ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GIARDINELLI, Mempo. **Voltar a ler**: propostas para construir uma nação de leitores. 1ª ed. São Paulo: Ed. Nacional., 2010.

KIRCHOF, Edgar Roberto Roberto; BONIN, Iara Tatiana. Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea. **Pro-Posições**, v. 27, p. 21-46, 2016.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6º ed. São Paulo: Ática, 2000.

MENDES, Teresa; VELOSA, Marta. Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. **Pro-Posições**, v. 27, p. 115-132, 2016.

MICARELLO, Hilda; BAPTISTA, Mônica Correia. Literatura na educação infantil: pesquisa e formação docente. **Educar em Revista**, v. 34, p. 169-186, 2018.

REYES, Yolanda. Como escolher boa literatura para crianças?. **Revista Emília**, 2011.

SANTOS, Caroline Cassiana Silva dos. SOUZA, Renata Junqueira de. A leitura da literatura infantil na escola. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.). **Caminhos para a formação do leitor** 1º ed. São Paulo: DCL, 2004.

SANTOS, Fábio Cardoso dos; MORAES, Fabiano. Literatura infantil e letramento literário. In: SANTOS, Fábio Cardoso dos; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com literatura infantil**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Fábio Cardoso dos; MORAES, Fabiano. Literatura infantil: o onírico e o lúdico na linguagem. In: SANTOS, Fábio Cardoso dos; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com literatura infantil**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SOLÉ, Isabel. Ler, leitura, compreensão: “Sempre falamos a mesma coisa?”. **Articles de Didáctica de la llengua i de la literatura**, n. 7, p. 7-19, 1996.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. **Literatura infantil na escola**: a leitura em sala de aula. 1ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. O Cantinho da Leitura como prática de letramento literário. **Educar em Revista**, v. 34, p. 95-109, 2018.

TERRA, Ernani. O que é literatura. In: TERRA, Ernani **Leitura do texto literário**. 1º ed. São Paulo: Contexto, 2014.

VELOSO, Geisa Magela; PAIVA, Aparecida. Representações sociais de leitura: o texto literário em sua função lúdica e educativa. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, 2021.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. 1º ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.